

Psicoestimulantes no Ambiente Universitário: Impactos no Sistema Nervoso Central e no Comportamento.

Lucas Apolonio de Paiva Pereira⁽²⁾; Anna Clara Vida Silva Monteiro⁽³⁾; Hudson Walker Simão Carneiro⁽⁴⁾; Lucas Santos Alves⁽⁵⁾.

⁽¹⁾ Trabalho desenvolvido no Programa de Iniciação Científica (PIC) da Faculdade Evolução Alto Oeste Potiguar - FACEP;

⁽²⁾ Estudante de Enfermagem; Faculdade Evolução Alto Oeste Potiguar – FACEP; Pau dos Ferros, Rio Grande do Norte (lucas.paiva.pereira18@gmail.com);

⁽³⁾ Estudante de Psicologia; Faculdade Evolução Alto Oeste Potiguar – FACEP; Pau dos Ferros, Rio Grande do Norte (aclaravsm@gmail.com);

⁽⁴⁾ Professor orientador; Mestre em Planejamento e Dinâmicas Territoriais no Semiárido (PLANDITES/UERN); Docente de Psicologia na FACEP; (hudsonwalkerpsi@gmail.com);

⁽⁵⁾ Professor orientador; Mestre em Psicobiologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte; Docente da Faculdade Evolução Alto Oeste Potiguar (FACEP); (Lucassantos70@live.com)

PALAVRAS-CHAVE: Automedicação; Desempenho acadêmico; Cognição, Juventude;

INTRODUÇÃO

Ao longo das últimas décadas, os psicofármacos têm ocupado papel central no tratamento de transtornos neuropsiquiátricos, sendo amplamente utilizados para modular funções cognitivas, emocionais e comportamentais. Entre essas substâncias, destacam-se os psicoestimulantes, indicados principalmente para o tratamento do Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) e narcolepsia, devido à sua capacidade de aumentar o estado de alerta e a atenção (Katzung, 2021; Goodman; Gilman, 2018). No entanto, paralelamente ao uso terapêutico, observa-se um crescimento expressivo do uso não prescrito dessas substâncias, especialmente no contexto universitário.

Nesse sentido, os psicoestimulantes podem ser definidos como fármacos que atuam no sistema nervoso central promovendo aumento da vigília, da concentração e da atividade psicomotora, por meio da modulação de neurotransmissores como dopamina e noradrenalina (Rang; Dale, 2016). Entre os principais exemplos utilizados no ambiente acadêmico estão o metilfenidato (Ritalina), a lisdexanfetamina (Venvanse) e o modafinil (Stavigile), frequentemente empregados por estudantes com o objetivo de potencializar o desempenho cognitivo. Embora eficazes em contextos clínicos, essas substâncias apresentam potencial significativo de uso indevido e desenvolvimento de dependência quando utilizadas sem indicação adequada.

Além disso, dados recentes evidenciam um aumento relevante no consumo de psicoestimulantes entre estudantes universitários. Estima-se que entre 5% e 35% dos universitários utilizam essas substâncias com a finalidade de melhorar o rendimento acadêmico. Corroborando esses achados, estudos apontam prevalência de uso em torno de 21% em

populações acadêmicas específicas, com percentuais ainda mais elevados descritos na literatura internacional sobre uso indevido (Magnotti *et al.*, 2021). Esse cenário está diretamente relacionado à pressão por desempenho, à sobrecarga de atividades e à busca por maior produtividade no ambiente universitário.

Sob a perspectiva neurobiológica, os psicoestimulantes exercem seus efeitos principalmente por meio da inibição da recaptação e/ou aumento da liberação de dopamina e noradrenalina na fenda sináptica, intensificando a atividade de circuitos neurais relacionados à atenção, motivação e recompensa (Katzung, 2021; Goodman; Gilman, 2018). Por conseguinte, embora possam promover melhora transitória da concentração, seu uso indevido está associado a efeitos adversos como insônia, ansiedade, taquicardia e alterações do humor, além de impactar negativamente o comportamento e o bem-estar dos estudantes.

Diante desse contexto, surge a seguinte problemática: quais são os principais efeitos do uso indevido de psicoestimulantes sobre o sistema nervoso central e o comportamento de estudantes universitários? A relevância desta discussão está associada ao aumento do consumo desses psicofármacos sem acompanhamento profissional, bem como aos riscos físicos, psicológicos e comportamentais decorrentes dessa prática. Além disso, o debate acerca dessa temática contribui para a promoção do uso racional de medicamentos, para o fortalecimento de estratégias preventivas no ambiente acadêmico e para a conscientização dos universitários acerca dos impactos do uso indiscriminado dessas substâncias.

Assim, este estudo tem como objetivo analisar, através de uma revisão da literatura, o uso indevido de psicoestimulantes no ambiente universitário, com ênfase em seus efeitos no sistema nervoso central e nas repercussões comportamentais.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A presente pesquisa trata-se de uma revisão bibliográfica, de abordagem qualitativa, que, de acordo com Gil (2008), consiste em analisar e interpretar materiais já publicados, com o objetivo de discutir e coletar diferentes contribuições já existentes sobre determinado tema.

A coleta de dados foi realizada através das bases de dados PubMed e SciELO. Para a busca dos estudos, foram usadas as palavras-chaves em inglês "psychostimulants", "cognitive effects", "substance abuse", "drug misuse" e "behavioral effects", que no idioma português são: "psicoestimulantes", "efeitos cognitivos", "abuso de substâncias", "uso indevido de drogas" e "efeitos comportamentais", combinadas por meio de operadores booleanos "AND" e "OR", para uma maior abrangência e relevância dos estudos coletados. Ao selecionar os artigos que seriam

utilizados, foi estabelecido critérios de inclusão e exclusão, sendo os de inclusão, apenas artigos completos, publicados nos últimos cinco anos (2021-2026), e que abordassem diretamente a temática proposta. Como critérios de exclusão, foi descartado resumos, trabalhos publicados em anais de congresso, teses, dissertações, livros e publicações que não tivessem sido revisadas por pares, com a prioridade sendo os estudos publicados em periódicos científicos.

A seleção dos artigos ocorreu em duas etapas. Primeiro foi feita a leitura dos títulos e dos resumos, e os que a primeira instância se relacionavam com o tema, eram classificados. Posteriormente, foi feita a leitura completa dos trabalhos que foram classificados, considerando o conteúdo e adequação aos objetivos da pesquisa. Por fim, os artigos incluídos foram aqueles que contemplaram todos os critérios e que estavam harmonizados com a temática de o uso indevido de psicoestimulantes no contexto universitário, com ênfase nos efeitos causados ao Sistema Nervoso Central e as repercussões comportamentais.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao ingressar no ambiente universitário, muitos estudantes passam a enfrentar extensas cargas horárias de estudo, avaliações frequentes e elevada cobrança por desempenho acadêmico. Esse contexto favorece o desenvolvimento de sofrimento psicológico, com sintomas relacionados à ansiedade, estresse e depressão. Nesse cenário, observa-se um aumento significativo do consumo indevido de psicoestimulantes como estratégia para melhorar a concentração, reduzir o cansaço e potencializar o rendimento acadêmico. No Brasil, estudos apontam que o uso dessas substâncias entre universitários varia entre 5% e 35%, sendo mais frequente entre estudantes da área da saúde (Boclin *et al.*, 2020).

Além disso, Primila *et al.* (2024) destacam que fatores como privação do sono, sofrimento emocional e dificuldades psicológicas estão diretamente associados ao maior consumo de psicotrópicos entre universitários brasileiros. Em âmbito internacional, Magnotti *et al.* (2023) evidenciam que o uso indevido de estimulantes prescritos representa uma preocupação crescente entre estudantes universitários, principalmente em cursos da área da saúde, nos quais a competitividade acadêmica e a pressão por produtividade favorecem práticas de automedicação e compartilhamento de medicamentos.

Ademais, o aumento do consumo de psicoestimulantes está relacionado à consolidação de uma cultura medicalizante, na qual dificuldades emocionais e acadêmicas passam a ser enfrentadas predominantemente por meio de intervenções farmacológicas. Nesse contexto, medidas não medicamentosas, como acompanhamento psicológico, psicoterapia, atividade

física e fortalecimento das redes de apoio, acabam sendo negligenciadas diante da ideia de que os psicofármacos representam uma solução rápida para lidar com as exigências universitárias. Dessa forma, o uso indiscriminado dessas substâncias torna-se progressivamente naturalizado no ambiente acadêmico.

No que se refere às diferenças entre os sexos, Primila *et al.* (2024) apontam que o uso de psicotrópicos apresenta maior prevalência entre estudantes do sexo feminino, especialmente devido à maior frequência de sintomas ansiosos e depressivos. Em contrapartida, Magnotti *et al.* (2023) observam que estudantes do sexo masculino tendem a utilizar estimulantes prescritos com maior frequência para potencialização cognitiva e aumento do desempenho acadêmico. Esses achados demonstram que os padrões de consumo variam conforme fatores biológicos, emocionais e sociais.

Diante desse cenário, torna-se crucial diferenciar o uso terapêutico dos psicoestimulantes daquele realizado de forma indiscriminada. Quando administrados sob supervisão médica, esses psicofármacos desempenham papel importante no tratamento do Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH), contribuindo para melhora da atenção e controle da impulsividade (Katzung, 2021). Entretanto, Moreira *et al.* (2024) identificam que muitos universitários utilizam essas substâncias sem diagnóstico clínico, motivados principalmente pela busca de melhor desempenho acadêmico e maior resistência ao cansaço mental.

Sob a perspectiva neurobiológica, substâncias como o metilfenidato apresentam elevado potencial de abuso e dependência devido à sua ação sobre os sistemas dopaminérgicos relacionados à recompensa e motivação. Segundo Silczuk *et al.* (2025), o uso inadequado desses medicamentos pode desencadear efeitos adversos cardiovasculares e psiquiátricos, incluindo taquicardia, ansiedade, insônia, irritabilidade e alterações de humor. Somado a isso, persiste entre os estudantes a falsa percepção de que esses medicamentos representam um método seguro para obtenção de melhor rendimento acadêmico, contribuindo para a naturalização e fortalecimento do uso indiscriminado no ambiente universitário.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O uso indevido de psicofármacos no ambiente acadêmico configura-se como um problema crescente, diretamente relacionado às exigências da rotina universitária, à busca constante por produtividade e à pressão por desempenho. Nesse contexto, torna-se evidente que muitos acadêmicos recorrem ao consumo indiscriminado dessas substâncias como estratégia

para melhorar a concentração, reduzir a exaustão mental e potencializar o rendimento acadêmico, sem considerar os riscos associados à automedicação e ao uso sem acompanhamento profissional.

Ademais, observa-se que a naturalização do consumo de psicotrópicos contribui para o fortalecimento de uma cultura medicalizante, na qual dificuldades emocionais e acadêmicas passam a ser enfrentadas prioritariamente por meio de intervenções farmacológicas, desconsiderando, muitas vezes, medidas não medicamentosas que também podem apresentar resultados eficazes. Posto isso, faz-se necessário ampliar as discussões acerca da saúde mental no contexto universitário, enfatizando estratégias não farmacológicas, como acompanhamento psicológico, suporte institucional, promoção de hábitos saudáveis e fortalecimento das redes de apoio aos estudantes.

Sob a perspectiva neurobiológica e comportamental, verifica-se que, embora esses psicoestimulantes apresentem relevância terapêutica em condições clínicas específicas, o uso indiscriminado pode desencadear importantes repercussões físicas, psíquicas e sociais, tais como dependência, alterações cardiovasculares, ansiedade, insônia e mudanças comportamentais. Portanto, o estudo contribui para ampliar a compreensão acerca dos impactos do consumo irregular de psicofármacos, favorecendo reflexões sobre o uso racional dessas substâncias, a importância do acompanhamento profissional e a necessidade de medidas preventivas no ambiente universitário.

Todavia, o presente estudo apresenta limitações relacionadas à escassez de pesquisas nacionais voltadas especificamente para estudantes universitários da área da saúde, bem como à dificuldade de mensurar a real prevalência do uso indevido dessas substâncias, considerando a subnotificação e a naturalização dessa prática entre os estudantes. Dessa forma, ressalta-se a relevância do desenvolvimento de novas pesquisas voltadas à investigação dos impactos biopsicossociais do uso de psicofármacos, bem como das estratégias mais eficazes para prevenção e promoção da saúde mental no contexto universitário.

REFERÊNCIAS

ANDRZEJ SILCZUK et al. Current insights into the safety and adverse effects of methylphenidate in children, adolescents, and adults – narrative review. **Pharmacological Reports**, 22 jul. 2025. Disponível em: <https://pmc.ncbi.nlm.nih.gov/articles/PMC12443935/>. Acesso em: 09 mai. 2026.

BOCLIN, K. DE L. S. et al. Academic performance and use of psychoactive drugs among healthcare students at a university in southern Brazil: cross-sectional study. **São Paulo Medical Journal**, v. 138, p. 27–32, 22 abr. 2020. Disponível em: <https://pmc.ncbi.nlm.nih.gov/articles/PMC9673852/>. Acesso em: 11 mai. 2026.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GOODMAN, L. S.; GILMAN, A. **As bases farmacológicas da terapêutica**. 13. ed. Porto Alegre: AMGH, 2018.

KATZUNG, B. G. **Farmacologia básica e clínica**. 15. Ed. Porto Alegre: AMGH, 2021.

MAGNOTTI, S. et al. Prescription Stimulant Misuse Among Nursing Students. **Journal of Addictions Nursing**, v. 34, n. 3, p. 216–223, 1 jul. 2023. Disponível em: <https://pmc.ncbi.nlm.nih.gov/articles/PMC10510837/>. Acesso em: 10 mai. 2026.

MOREIRA, J. E. et al. Adverse events and safety concerns among university students who misused stimulants to increase academic performance. **Einstein (São Paulo)**, v. 22, 1 jan. 2024. Disponível em: <https://pmc.ncbi.nlm.nih.gov/articles/PMC11634366/>. Acesso em: 11 mai. 2026.

PRIMILA, R. et al. Variables Associated with the Use of Psychotropic Medications by Brazilian University Students. **Actas Españolas de Psiquiatria**, v. 52, n. 6, p. 810–821, 5 dez. 2024. Disponível em: <https://pmc.ncbi.nlm.nih.gov/articles/PMC11636540/>. Acesso em: 11 mai. 2026.

RANG, H. P.; DALE, M. M. **Farmacologia**. 8. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2016.